

CETICISMO ECONÔMICO

INFORME SETORIAL

O ceticismo econômico nos Estados Unidos

THE WASHINGTON POST

Fareed Zakaria

Há um enigma no coração da vida política americana atualmente. Por que as pessoas estão tão pessimistas a respeito de uma economia que está tão forte? Chegarei à inflação em um momento. Quase nenhum economista previu a força da atual recuperação.

O crescimento em 2021 chegou a 5,7%, o mais alto em quase 40 anos. A taxa de desemprego é de 4%. O índice de pobreza caiu a níveis menores que os pré-pandêmicos. A pobreza infantil diminuiu em quase 40% em 2021. Novos negócios estão se formando a um ritmo recorde, falências estão em queda e as economias dos americanos estão saudáveis.

Os índices de emprego estão tão bons que o senador Ron Johnson – republicano de Wisconsin – recusou-se a pedir que a Oshkosh Corp. use fundos federais para construir caminhões em seu Estado. “Não é como se não tivéssemos empregos suficientes aqui em Wisconsin”, afirmou, recentemente. “O maior problema que temos agora mesmo é empregadores incapazes de encontrar trabalhadores suficientes.” A taxa de desemprego do Estado é apenas 2,8%.

Mas e a inflação? Dados publicados nesta semana mostraram que o índice de

preços ao consumidor aumentou 7,5% em um ano, uma alta recorde em quase 40 anos. Isso soa assustador. A inflação está alta demais, em parte, por causa de um pacote de alívio contra a covid grande demais. No entanto, os temores a respeito de preços em constante elevação, provavelmente, são exagerados.

A inflação anual aumentou para 7,5%, mas, como nota o analista Mark Zandi, o aumento foi a partir de uma base extremamente baixa, de 1,4% em janeiro de 2021. A inflação mensal de 0,6% está muito mais baixa do que em outubro. Crucialmente, de acordo com cálculos do Centro para o Progresso Americano, os rendimentos disponíveis dos americanos foram mais altos em 2021 – mesmo ajustados em função da inflação.

E, ainda assim, o nível de confiança do consumidor americano é o mais baixo em uma década. Uma pesquisa Gallup de janeiro constatou que 82% dos americanos sentem que o país está no caminho errado. Joe Biden tem os índices de aprovação mais baixos neste ponto do mandato presidencial do que qualquer outro presidente moderno, exceto Donald Trump. Vários comentaristas atribuem isso ao efeito coronavírus. “Quando a vida vai mal, as taxas de aprovação do trabalho do presidente são baixas”, escreve Ed Kilgore, da New York Magazine.

O colunista Paul Krugman, do New York Times, aponta que, segundo padrões históricos, a inflação não está tão alta, e os salários estão em boa condição. Ele culpa uma narrativa midiática, especialmente dos meios de comunicação de direita, que tem colocado todo o foco na inflação e ações insuficientes pelo emprego. Como resultado, de acordo com ele, os republicanos acreditam que a atual economia vai pior do que em junho de 1980, um período em que a inflação era de 14% e o valor real dos salários caía 6% ao ano.

Nate Cohn, do New York Times, é muito convincente ao apontar que o mo-

mento da queda na aprovação de Biden sinaliza duas causas – a variante Delta e a retirada do Afeganistão. Ambas ocorreram em agosto de 2021, que foi quando os índices de Biden despencaram acentuadamente e jamais se recuperaram plenamente.

O principal argumento de Cohn é que esses problemas gêmeos fizeram o governo Biden parecer incompetente. A vida estava complicada, e o presidente, que havia prometido normalidade, competência e uma solução com base na ciência para vencer a covid-19 não estava correspondendo.

Tudo isso faz sentido. Mas me pergunto se não haverá um problema maior em cena. As pessoas não estão respondendo racionalmente a dados objetivos neste momento. Estamos vivendo tempos intensamente polarizados e partidarizados. Questões a respeito da confiança do consumidor ou sobre o país estar no caminho correto ou equivocado são destinadas a chegar aos pontos de vista do mundo fora da política. Mas nada mais está fora da política.

De acordo com uma pesquisa do Pew Research Center, que chocou muita gente, cerca de metade de todos os republicanos agora afirma que Trump não tem nenhuma responsabilidade pelo ataque de 6 de janeiro de 2021 contra o Capitólio e afirma que ele, provavelmente, venceu a eleição de 2020. Mas eles realmente acreditam nisso?

Pergunto-me se eles não estão respondendo a outra questão, mais ou menos assim: “Você vai se unir aos meios de comunicação do mainstream, às elites urbanas do país e condenar Donald Trump?”. Sua resposta é um enfático não.

Medos intangíveis atualmente são mais importantes do que fatos objetivos. Em uma das mais cuidadosas análises acadêmicas da eleição de 2016, Diana Mutz, da Universidade da Pensilvânia, explicou num artigo que dados simplesmente não

fundamentam a tese de que Trump era apoiado pelas pessoas “abandonadas” economicamente, que tinham perdido empregos ou visto seus salários estagnar.

“As preferências por candidatos em 2016 refletiram uma crescente ansiedade entre os grupos de maior status. Tanto a crescente diversidade racial, domesticamente, quanto a globalização contribuíram para uma sensação de que americanos brancos estão cercados por esses motores de transformação”, escreve Mutz.

ALTO RISCO. A estatística mais reveladora com certeza é esta: os Estados Unidos – líderes mundiais em ciência – possuem uma das mais baixas porcentagens de adultos completamente vacinados no mundo industrializado. Isso ocorre porque um grande número de americanos prefere arriscar a se expor ao vírus e a doença grave em vez de aceitar ditames das assim chamadas elites. Esse é o exemplo supremo do triunfo de ansiedades culturais e conflitos de classes sobre os fatos, dados ou até mesmo o bem-estar próprio.

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 371 - Em 15 de fevereiro de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.